

SISTEMA DE ESPAÇOS LIVRES PARA DIÁLOGOS INTERCULTURAIS: PROCESSO PROJETUAL COLABORATIVO E VALORIZAÇÃO DO POVO KAINGANG¹

FREE SPACES SYSTEM FOR INTERCULTURAL DIALOGUES: COLLABORATIVE DESIGN PROCESS AND VALUING OF THE KAINGANG PEOPLE

SISTEMA DE ESPACIOS LIBRES PARA DIÁLOGOS INTERCULTURALES: PROCESO DE DISEÑO COLABORATIVO Y VALORACIÓN DEL PUEBLO KAINGANG

*Fernanda Machado Dill, Doutora em Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal de Santa Catarina.
E-mail: fernanda.dill@gmail.com*

*Vanessa Goulart Dorneles, Doutora em Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal de Santa Maria.
E-mail: arq.vanessagdorneles@gmail.com*

Resumo

A população indígena Kaingang habita o espaço que compreende o centro no município de Chapecó, SC, desde antes da configuração formal da cidade. No entanto, devido ao processo de urbanização, tal comunidade teve sua trajetória histórica e sua relação com a cidade invisibilizadas por ações oriundas principalmente do poder público. Para contribuir na transformação desse contexto, foi elaborado, de

¹ A pesquisa que resultou neste artigo contou com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (Capes), a quem as autoras agradecem pela bolsa.

forma colaborativa com a comunidade indígena, o projeto de um sistema de espaços livres para diálogos interculturais, que se propõe a contar a história da cidade a partir do olhar de seu povo tradicional por meio de intervenções espaciais em diferentes escalas. O presente artigo pretende explorar as possibilidades de valorização histórica e cultural por meio de intervenções urbanas, bem como apresentar as estratégias projetuais adotadas com o objetivo de valorizar a memória dos anciãos indígenas no processo de projeto, revelando o seu caráter educativo e social. Para tanto, apresenta-se o Povo Kaingang e sua relação com a construção histórica da cidade, apresentam-se as estratégias colaborativas utilizadas no processo de projeto, os resultados espaciais obtidos e sua relação com a valorização e visibilidade da cultura Kaingang.

Palavras-chave: Povo Kaingang; Sistema de espaços livres; Cultura; História da cidade; Projeto colaborativo.

Abstract

The Kaingang indigenous population inhabits the space that comprises the center in the city of Chapecó-SC, since before the formal configuration of the city. However, due to the urbanization process, such a community had its historical trajectory and its relationship with the city made impossible by actions originating mainly from the government. In order to contribute to the transformation of this context, a project for a system of open spaces for intercultural dialogues was elaborated, in a collaborative way with the indigenous community, which proposes to tell the history of the city from the perspective of its traditional people through interventions at different scales. This article intends to explore the possibilities of historical and cultural valorization through urban interventions, as well as to present the design strategies adopted with the objective of valuing the memory of indigenous elders in the design process, revealing its educational and social character. For that, the Kaingang People and their relationship with the historical construction of the city, the collaborative strategies used in the design process, the spatial results obtained and their relationship with the appreciation and visibility of the Kaingang culture are presented.

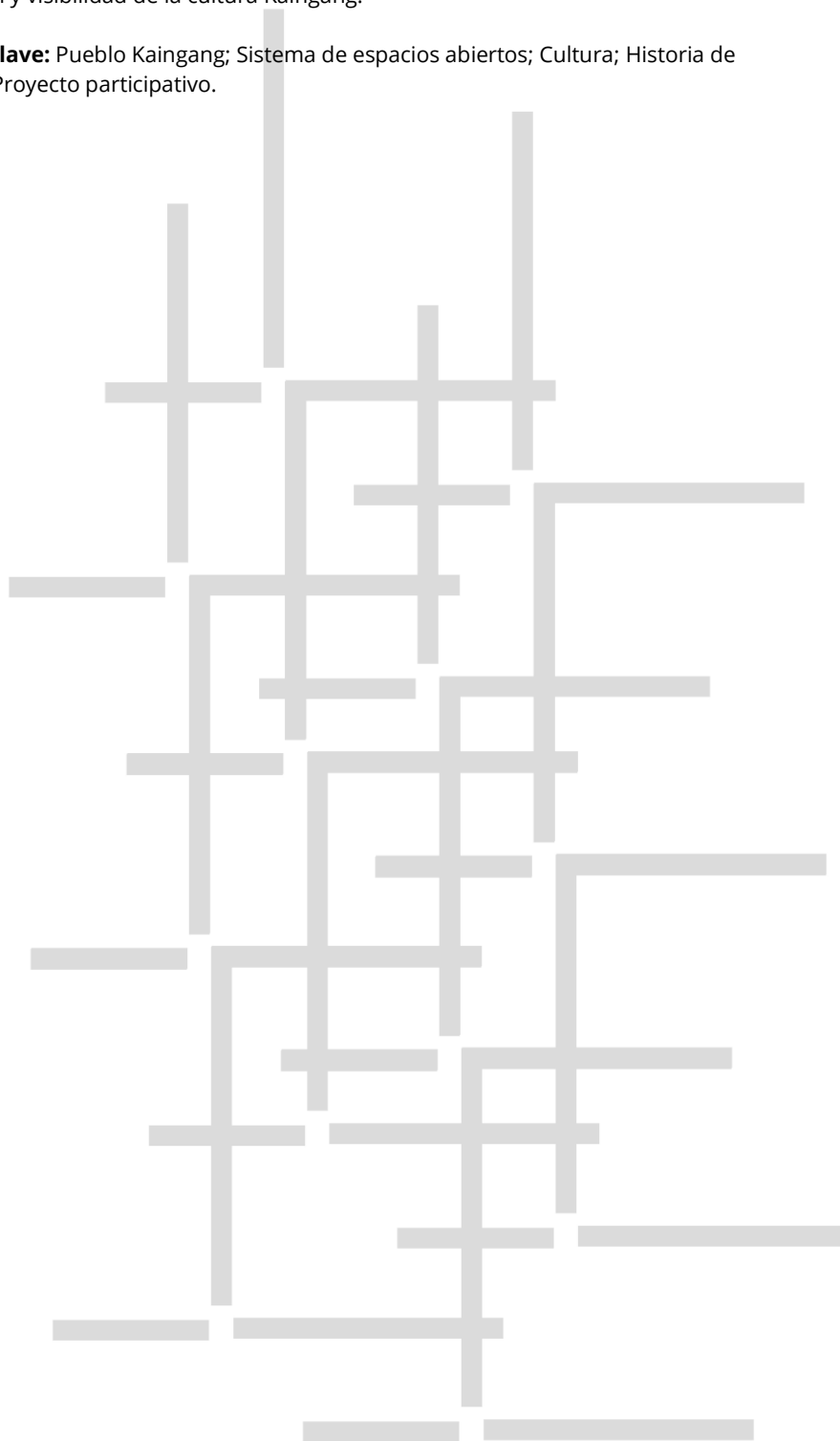
Keywords: Kaingang people; Free space system; Culture; City history; Participatory project.

Resumen

La población indígena Kaingang habita el espacio que comprende el centro en el municipio de Chapecó-SC, desde antes de la configuración formal de la ciudad. Sin embargo, debido al proceso de urbanización, dicha comunidad tuvo su trayectoria histórica y su relación con la ciudad se hizo imposible por acciones originadas principalmente por el gobierno. Para contribuir a la transformación de este contexto, se elaboró un proyecto para un sistema de espacios abiertos para diálogos interculturales, en colaboración con la comunidad indígena, que propone contar la historia de la ciudad desde la perspectiva de sus pueblos tradicionales a través de intervenciones a diferentes escalas. Este artículo pretende explorar las posibilidades de valorización histórica y cultural a través de intervenciones urbanas, así como presentar las estrategias de diseño adoptadas con el objetivo de valorar la memoria

de los ancianos indígenas en el proceso de diseño, revelando su carácter educativo y social. Para ello, se presentan las personas Kaingang y su relación con la construcción histórica de la ciudad, se presentan las estrategias de colaboración utilizadas en el proceso de diseño, los resultados espaciales obtenidos y su relación con la apreciación y visibilidad de la cultura Kaingang.

Palabras clave: Pueblo Kaingang; Sistema de espacios abiertos; Cultura; Historia de la ciudad; Proyecto participativo.



INTRODUÇÃO

A trajetória histórica do Povo Kaingang e as relações interculturais construídas desde o processo de urbanização de Chapecó, SC, afetam diretamente sua relação com a cidade. Atualmente, a população urbana chapecoense, em sua maioria, não reconhece o Povo Kaingang como habitantes nativos do município, desconhece sua cultura e desrespeita as especificidades do seu modo de viver, fazendo emergir um sentimento de discriminação e rejeição em relação aos indígenas, que buscam ainda hoje retornar às relações com sua terra de origem. Diante desse contexto e a partir de demandas da própria comunidade Kaingang, iniciou-se o diálogo e reflexões sobre uma possível intervenção espacial no município, com o objetivo de desenvolver, por meio de um processo colaborativo de projeto, um sistema de espaços urbanos livres que considerasse as bases da cultura Kaingang, ao mesmo tempo em que promovesse a interação entre os indígenas e a sociedade envolvente. Buscou-se, com propostas de intervenção espacial, proporcionar o conhecimento a respeito da história da cidade a partir do olhar de seu povo tradicional, o reconhecimento à diversidade e o respeito entre povos.

Este artigo pretende explorar as possibilidades de valorização histórica e cultural por meio de intervenções urbanas, bem como apresentar a metodologia adotada. O objetivo é ampliar o espaço de visibilidade da presença indígena no centro urbano, evidenciar a diversidade cultural, base da construção da cidade, e valorizar a memória dos anciãos Kaingang no processo do projeto, revelando seu caráter social. Para tanto, inicia-se com uma breve discussão teórica sobre cultura e identidade na perspectiva humana e espacial, bem como a conceituação dos sistemas de espaços livres, objeto do projeto. Na sequência, são explicados os recursos metodológicos adotados na pesquisa para compreender o Povo Kaingang e a relação da comunidade da aldeia Kondá com a cidade de Chapecó. Por fim, o projeto é apresentado a partir de seu potencial para a visibilização da cultura Kaingang e valorização das relações interculturais na cidade.

CULTURA E IDENTIDADE NA PERSPECTIVA HUMANA E ESPACIAL

Ao iniciar a discussão sobre o conceito de cultura, para que ele possa ser posteriormente articulado com a perspectiva espacial, percebe-se que não há consenso entre os pesquisadores sobre o tema. Por esse motivo, a pesquisa esclarece a linha conceitual considerada nos estudos.

A cultura precisa ser pensada, segundo Kuper (2002), como uma questão de ideias e valores, uma atitude mental coletiva. Os valores, cosmologia, princípios morais, modo de viver, organização espacial e estética, são expressos por meio de símbolos, caracterizando a cultura como um sistema simbólico. Na mesma linha, Edward Tylor (1958) define a cultura como um comportamento apreendido, ou seja, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética.

Considera-se, portanto, a cultura como um sistema complexo apreendido, no qual qualquer predisposição genética é superada pelas práticas vivenciadas e observadas cotidianamente. Percebe-se a cultura como um potencial instrumento de identificação coletiva, em que o modo de viver de um grupo estabelece fronteiras com outras sociedades. Essas interações produzem materialmente o espaço físico, reflexo e identidade do contexto cultural ao qual pertencem (DILL, 2019).

Esse caráter de identificação coletiva ligado à cultura faz com que a questão da identidade seja extensamente discutida, tanto na arquitetura e no urbanismo quanto na teoria social. Arquitetos como Amos Rapoport (1971) e Simon Unwin (2013), discutem o quanto os produtos arquitetônicos e urbanísticos carregam uma identidade e deveriam estar intimamente ligados à de seus usuários e/ou projetistas, revelando identificação com seu contexto cultural.

Ao pensar a identidade em termos de sociedades tradicionais, Giddens (2002) destaca que elas têm veneração pelo passado, em que os símbolos são valorizados por conterem experiências de gerações e a tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço. Dessa forma, a identidade de um povo está diretamente ligada à sua construção histórica.

Hall (2005) discorre sobre a identidade na contemporaneidade, questionando inicialmente sua crise: "[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, agora estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como unificado" (HALL, 2005, p. 53). Em função da estrutura das sociedades pós-modernas, as identidades estão sendo descentradas, ou seja, deslocadas e, em alguns casos, fragmentadas. Entende-se que essa constatação não pode ser entendida como um processo negativo, pois possibilita a construção de um mosaico identitário, no qual se identificam "as" e não "a" identidade, sejam elas coletivas ou individuais.

A identidade, assim como a cultura, é estabelecida na relação com o outro. A identificação na sociedade contemporânea aparece como a representação daquilo que se quer ser, aparentar ou integrar. O contraponto está no outro, no que se tem de diferente, no conflituoso e, por que não dizer, no oposto. Nesse contexto, do qual surgem regras para as relações humanas, é fundamental a compreensão do papel do lugar como palco dessas interações, por vezes compostas e contraditórias.

O lugar transcende as limitações do espaço geométrico na medida em que, por meio de relações sociais, os grupos atribuem valor a ele (TUAN, 1983). Assim, na interação com o espaço, diferentes grupos étnicos constroem significações e relações, que podem, por influência do lugar, amenizar ou reforçar fronteiras étnicas. Na construção desses significados, nasce a identidade do lugar. Em arquitetura e urbanismo, a identidade de lugar é definida como uma subestrutura da identidade humana, que incorpora as cognições sobre o mundo em que os indivíduos vivem, contemplando as memórias, ideias, relações sociais, sentimentos, atitudes, valores e preferências acerca dos diversos ambientes em que estão inseridos (PROSHANSKY, 1983).

A criação do lugar não é exclusividade do fazer arquitetônico ou urbanístico, pois as pessoas atribuem significados aos espaços ininterruptamente (UNWIN, 2013). No

caso das comunidades Kaingang, observa-se o protagonismo indígena nas reivindicações, não apenas pelo espaço mas, também, pela participação no processo de desenho, pautado pela intenção de fortalecimento cultural (ZANIN; DILL, 2016). Esses fatores facilitam a identificação do usuário com o lugar e “[...] talvez a ideia da participação coletiva seja o aspecto mais importante de pensar na arquitetura e o urbanismo como identificação de lugar [...]” (UNWIN, 2013, p. 23).

Intervenções nos espaços, independente dos grupos humanos envolvidos, expressam inevitavelmente intenções, sejam elas sociais, políticas, culturais ou ambientais dos mentores da proposta e, por isso, é fundamental que os protagonistas desse processo sejam pessoas da própria comunidade. A arquitetura é “influenciada pelas pessoas cujas atividades ela acomoda” (UNWIN, 2013, p. 25) e “os aspectos simbólicos, culturais e psicológicos podem ser, em algumas situações, tão ou mais importantes que os aspectos físicos” (RAPOPORT, 1971, p. 310).

Existe uma relação entre os lugares e as identidades culturais dos grupos que os ocupam. É possível observar o espaço e perceber por meio dele a representação cultural de seu povo. Com um olhar sensível e cuidadoso, podem ser percebidas marcas de apropriação ou abandono dos espaços e tais informações podem contar muito sobre a história de uma comunidade, seus espaços e sua cultura.

Não se pode pensar qualquer forma de intervenção espacial sem considerar de que maneira essa mudança altera a dinâmica social e cultural das pessoas envolvidas nesse espaço. Por meio dos lugares planejados, pode-se afirmar, valorizar e respeitar valores culturais de um povo ou, por outro lado, negar a uma comunidade inteira o direito de ser, estar e habitar o mundo a partir do modo de viver no qual acredita.

SISTEMAS DE ESPAÇOS LIVRES

Por um lado, entende-se a cidade como um organismo vivo, construída e transformada a partir da lógica de sua sociedade, sob a influência das pessoas que a constroem e deixam nela marcas históricas ao longo do tempo. Por outro lado, uma vez que os lugares abrigam relações humanas, eles podem influenciar comportamentos e proporcionar experiências ligadas ao conhecimento e à valorização cultural.

Lynch (1997) destaca que esse processo pode construir um vasto sistema de referências para os seres humanos, fazendo com que os espaços ordenem as atividades, crenças e conhecimentos, uma vez que a pessoa não é apenas espectadora do espaço, mas parte dele. Portanto, compreender a cidade como um sistema articulado espacialmente e por significados, torna-se fundamental na medida em que a conexão entre o público e o privado se constrói, majoritariamente, a partir desses espaços livres de transição.

O espaço livre público é elemento primordial da estrutura e da paisagem urbana. Ele possibilita a relação entre a materialidade e a sociedade, buscando qualificar a interação social com o suporte físico existente (MAGNOLI, 2006, p. 241). Nesse sentido, é essencial compreender o sistema de ações que se desenvolve pelos

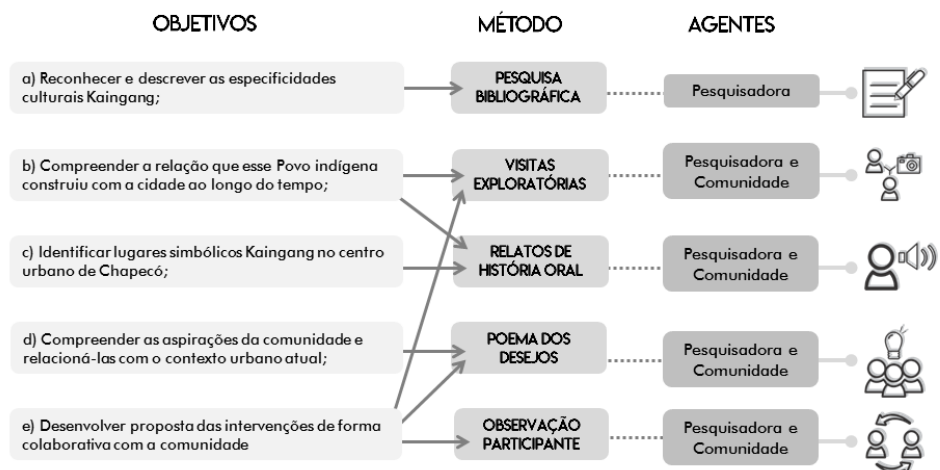
espaços, a participação dos diversos agentes sociais envolvidos e suas relações de poder (SANTOS, 1998). Ruas, largos, praças, pátios, quintais, jardins, parques, avenidas, entre os mais frequentes tipos de espaços livres, formam o sistema de espaços livres de cada cidade e é esse sistema que integra a cidade e faz a interface entre os lugares privados e a malha permeável urbana.

Segundo Preto (2009), o sistema de espaços livres públicos tem como potencial (re)valorizar áreas urbanas consolidadas, contribuindo para a melhoria do ambiente urbano, propiciando encontros públicos da forma mais diversa e ensejando um maior envolvimento da população com o seu espaço de vida cotidiana. Uma política pública voltada para esses objetivos deve considerar as características do local e da sociedade, procurando compreender a paisagem e os valores que estejam de acordo com a diversidade cultural que pretendem contemplar.

Assim, os espaços livres são entendidos como elementos estruturadores, que se constroem como significado, de forma sistêmica, e não se sustentam de forma isolada, mas em relação com os demais lugares que constituem a paisagem urbana. Destaca-se que os projetos de intervenção espacial urbana, principalmente na esfera pública, desempenham relevante papel social na medida em que carregam as intenções de seus projetistas, bem como se comprometem com o grupo para o qual se projeta.

RECURSOS METODOLÓGICOS

Considerando a complexidade que envolve a análise da cultura de um grupo e as suas relações com os espaços, essa pesquisa adota a abordagem qualitativa para



Quadro 1: Objetivos do projeto e métodos de pesquisa adotados. Fonte: Elaborado pelas autoras.

a compreensão e explicação da dinâmica das socioespaciais. O Quadro 1 define os objetivos específicos propostos para o projeto e as estratégias metodológicas consideradas para alcançá-los.

Pesquisa bibliográfica: foi realizada com o objetivo de oferecer o aporte teórico para análise dos dados de campo, compreensão e descrição da cultura tradicional Kaingang, bem como da história do município de Chapecó.

Visitas exploratórias: representam as primeiras aproximações com o objeto de estudo e podem ser registradas por meio de desenhos, anotações e fotografias (REINGHANTZ, *et al.*, 2008). O objetivo foi compreender a relação estabelecida entre os indígenas e a região do centro da cidade e, posteriormente, viabilizaram a participação das comunidades na elaboração da proposta de intervenção espacial. Para o desenvolvimento desse projeto, foram realizadas três visitas exploratórias entre os meses de dezembro de 2016 e fevereiro de 2017, registradas por meio de cadernos de anotações e fotografias tiradas após a autorização das lideranças da comunidade. Nessas interações iniciais, por meio de passeios pela aldeia e conversas informais, principalmente com um casal de professores e um ancião, colaboradores da pesquisa, foi possível perceber a relação dos indígenas com suas marcas tribais e os referenciais espaciais apontados sobre o centro da cidade de Chapecó, identificando aquele espaço como sua terra tradicional.

Relatos de história oral: consiste em uma prática de apreensão de narrativas por meios eletrônicos destinados a recolher testemunhos e promover análises de processos sociais do presente. Com base em um projeto inicial e na escolha do grupo a ser pesquisado, os registros tornaram-se documentos pautados da história do tempo presente ou história viva (MEIHY, 1996). O foco foi a identificação dos lugares simbólicos para a comunidade no centro da cidade e a compreensão das especificidades culturais Kaingang. Para tanto, foram colhidos cinco relatos entre os meses de março e abril de 2017, sendo dois anciãos com 65 e 70 anos, um casal de professores indígenas da educação básica, ele com 35 anos e ela com 32, além de uma liderança da comunidade, um homem de 50 anos. As falas foram gravadas e posteriormente transcritas. As histórias contadas principalmente dos anciãos e da liderança tornou possível a identificação de lugares tradicionais no centro da cidade de Chapecó. Os mais jovens, no papel de professores, expuseram que contam as histórias dos anciãos para as crianças com o objetivo de gerar um sentimento de identificação com a cidade e de valorização de suas terras e dos processos de luta protagonizados pelos anciãos da comunidade.

Poema dos desejos: desenvolvido por Henry Sannof (1991), o poema consiste em uma dinâmica de grupo em que o pesquisador solicita aos usuários de um determinado local que descrevam verbalmente ou expressem por meio de desenhos suas necessidades, sentimentos e desejos relativos ao edifício ou ambiente analisado. O método foi utilizado com enfoque nos espaços idealizados, assim, apresentou-se uma ficha aos participantes contendo uma frase aberta “nossa aldeia ideal seria assim...” que responderam de forma espontânea por meio de desenhos e escrita. A interação foi realizada na escola da Aldeia Kondá em abril de 2017 e contou com a participação de 56 crianças entre 10 e 14 anos, duas professoras e um professor. Os elementos mais recorrentes foram: a presença da mata e dos animais, a padronização das moradias com materiais naturais e o resgate de brincadeiras tradicionais da cultura Kaingang. Assim, elementos espaciais observados na representação da aldeia ideal, puderam ser contemplados nas propostas espaciais para o centro da cidade.

Observação participante: parte da premissa de que a apreensão de um contexto social específico só pode ser concretizada se o observador puder imergir e se mesclar com o grupo social investigado. Segundo Mann (1970, p. 23), é uma "[...] tentativa de colocar o observador e o observado do mesmo lado, tornando-se o observador um membro do grupo de modo a vivenciar o que eles vivenciam e trabalhar dentro do sistema de referência deles". Nesse momento, pode-se compreender a relação, no cotidiano, entre os espaços e os significados atribuídos pelo grupo. Para a imersão na comunidade, foram considerados os períodos de preparação e realização da semana cultural. O primeiro de 10 a 21 de abril de 2017 e o segundo entre os dias 9 e 20 de abril de 2018. Nessas oportunidades, a comunidade mobilizou-se para a organização da semana cultural e, por isso, foi possível acompanhar a fabricação intensa de artesanato, a preparação de comidas tradicionais, a organização e decoração da escola para receber os visitantes e a construção de estruturas externas feitas de madeira e cobertura de taquara para abrigar a venda do artesanato e as danças tradicionais.

Dessa experiência, além do próprio projeto construído coletivamente, surgiram informações e conhecimentos além dos esperados, dados que sem a convivência, possivelmente, não seriam descobertos e que são fundamentais para se pensar espaços com caráter intercultural. Para a elaboração do projeto, o primeiro passo foi a localização dos principais lugares de intervenção no centro da cidade, cujo mapeamento foi apresentado em reunião com a comunidade e aprovado para que fossem elaboradas as propostas de intervenção. Nessa reunião, surgiram sugestões de equipamentos públicos, brinquedos, totens de identificação dos lugares e outras ideias que foram contempladas na etapa de elaboração da proposta. A primeira proposta foi apresentada por meio de maquetes e modelos digitais 3D para discussão e refinamento com a comunidade indígena. As sugestões de alteração lançadas foram contempladas e a partir delas foi gerado o projeto apresentado neste artigo.

OS KAINGANG DA ALDEIA KONDÁ E A HISTÓRIA DA CIDADE

Os índios Kaingang habitam as regiões sul e sudeste do Brasil, desde o Estado de São Paulo até o Rio Grande do Sul, e fazem parte do tronco linguístico Macro-Jê, juntamente com os Xokleng, que habitam outras áreas desse mesmo estado, formam o grupo dos Jê-Meridionais (JUNIOR, 2010).

Tommasino e Fernandes (2001) descrevem os Kaingang como um grupo primordialmente estabelecido a partir de uma organização social dualista, patrilinear, exogâmica e matrilocal. Isto é, existiriam dois grupos de linhagens de parentesco, transmitidas pelo pai aos descendentes, onde as alianças matrimoniais sempre se dão entre indivíduos pertencentes às metades opostas e, após o casamento, o noivo vai morar com os pais da noiva.

No mito de origem coletado por Telêmaco Borba (1908), encontra-se uma versão resumida da cosmologia dualista Kaingang. Nesse mito, os heróis culturais Kamé e Kairu produzem não apenas as divisões entre os homens, mas também a divisão entre os seres da natureza.



Figura 1: Grafismo Kaingang – Kamé e Kairu. Fonte: DILL, 2019.

Os membros das metades se diferenciavam também por meio das marcas ou pinturas corporais (Figura 1). Como coloca Nimuendanju (1913), os Kamé se representavam por meio de marcas compridas, riscos verticais e os Kairu possuíam marca redonda. “[...] Os dos Kamé é feito com lascas de pinheiro queimadas e depois umedecidas. Os do grupo Kairu são feitos como madeira de sangria” (KRESÓ, 1997 p. 82). Dessa forma, a coloração dos grupos fica assim definida: Kamé-preto, Kairu-vermelho.

Sobre o contexto local, sabe-se que a cidade de Chapecó foi ocupada, por um curto período, pelos Guaranis. Posteriormente, em função de disputas étnicas, tiveram que ceder as terras para os Kaingang que ocupam a região até hoje (SCHIMITZ; BEBER, 2011).

Logo após a emancipação política do município de Chapecó, intensificou-se o processo de perseguição aos índios, impedindo que eles ocupassem a cidade. A partir de 1927, algumas autoridades locais começaram a solicitar novas medições dessas áreas de terra e, quando o espaço já estava sob a jurisdição de Santa Catarina, a posse dessas áreas também começou a ser reivindicada por autoridades que agiam em causa própria (CAMPOS, 2004).

O SPI (Serviço de Proteção aos Índios) passou a se caracterizar como “Serviço de Perseguição aos Índios”, segundo a crítica de um jornal: “[...] mas fiquem certos: isso não será impunemente, [...] será com o nosso protesto, pela imprensa e por todos os meios que estejam em nosso alcance” (CAMPOS, 2004, p. 67). A partir disso, os indígenas ficaram à mercê dos desmandos do governo e da justiça branca e, cada vez mais, foram desapropriados de suas terras originais, obrigados a “civilizar-se”, isto é, adaptar-se à sociedade colonizadora envolvente.

Em meados do século XX, com o processo de construção da cidade de Chapecó, os indígenas continuaram sendo desrespeitados e expropriados de suas terras. A cidade abrigava uma vasta população indígena, constituída por dois grupos principais distintos: o primeiro, composto pelas famílias que residiam em bairros da cidade adaptados a nova cultura imposta na época e tornaram-se quase invisíveis; o segundo grupo, mais extenso, era composto pelas famílias que

resistiam e estabeleciam uma relação de parentesco baseada na preservação da cultura, dessa forma, constituíam as aldeias na cidade (TOMMASINO *et al.*, 1998). Esses últimos eram visíveis e provocavam reações mais variadas da população urbana, acionando todos os preconceitos acumulados contra os índios, constituindo-os como um problema social.

Em 1998, essa população representava um total estimado de 64 famílias e 212 pessoas. Os mapas representados na Figura 2 mostram a localização das áreas de concentração das famílias Kaingang na cidade de Chapecó nesse período e o detalhamento da aldeia Kondá no bairro Palmital. Vale destacar que esse bairro se localiza próximo ao centro e era ocupado por população de classe média alta na época.



Figura 2: Mapa dos Bairros de Chapecó com posicionamento da Aldeia Kaingang. Fonte: Adaptada pelas autoras a partir de Tommasino *et al.* (1998) e dos mapas disponibilizados pela Secretaria de Planejamento urbano da Prefeitura municipal de Chapecó.

Os Kaingang descrevem a cidade de Chapecó como sua terra tradicional, onde caçavam, coletavam e enterravam seus mortos (TOMMASINO, 1999). A terra de seus avós, conforme relatos dos anciãos da comunidade, coincide com o atual centro da cidade, revelando por que os Kaingang da Aldeia Kondá insistem que a cidade de Chapecó é a sua terra tradicional.

Com base nos relatos dos Anciãos da Aldeia Kondá, foi elaborado o mapa a seguir (Figura 3), no qual se observa o centro da cidade em 2019 como área original Kaingang. O Rio Passo dos Índios, atualmente canalizado, representava um importante local de reunião do grupo, o primeiro grande assentamento, onde, atualmente, se localiza a Igreja Matriz e a Praça Coronel Ernesto Bertaso e o Cemitério Kaingang, situado em um importante hotel da cidade.



Figura 3: Terra tradicional Kaingang no centro da cidade de Chapecó. Fonte: Elaborada pelas autoras com base nos relatos de história oral dos anciãos da comunidade da Aldeia Kondá, fotografias de acervo próprio e mapa base fornecido pela Secretaria de Planejamento urbano da Prefeitura municipal de Chapecó.

Com base nas pesquisas realizadas, considerando as preexistências no centro urbano da cidade e contando com a participação da comunidade da Aldeia Kondá, foram estabelecidas diretrizes projetuais. Posteriormente, foi elaborada a proposta de intervenção no local, que pretende valorizar a história da cidade e permitir diálogos interculturais na contemporaneidade.

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO CENTRO URBANO

A partir das pesquisas realizadas, foram identificadas as demandas da comunidade e os lugares simbólicos para os indígenas no centro da cidade. A partir das análises dos espaços públicos do centro do município e do Plano Diretor, foram localizadas as áreas verdes, as praças e os vazios urbanos que foram considerados áreas de potencial intervenção.

O projeto considerou quatro escalas de intervenção, constituindo uma rota etno-histórica no centro urbano, conforme ilustra a Figura 4. A rota/percurso é sinalizada por pavimentação diferenciada, que tem como inspiração as metades tribais Kaingang. A menor escala considerada caracteriza-se pela implantação de marcos conectores – totens de comunicação visual urbana que orientam sobre a direção das próximas intervenções e contam a história de cada uma das paradas com textos explicativos. Na sequência, as intervenções pontuais abrangem a escala do mobiliário urbano, seguidas pela intervenção linear, que considera um pequeno parque urbano. Por fim, a maior escala considerada é a da edificação,

denominada lugares estruturadores. As cores demarcam as diferentes escalas de intervenção pensadas a partir da rota definida, conforme descrito a seguir.

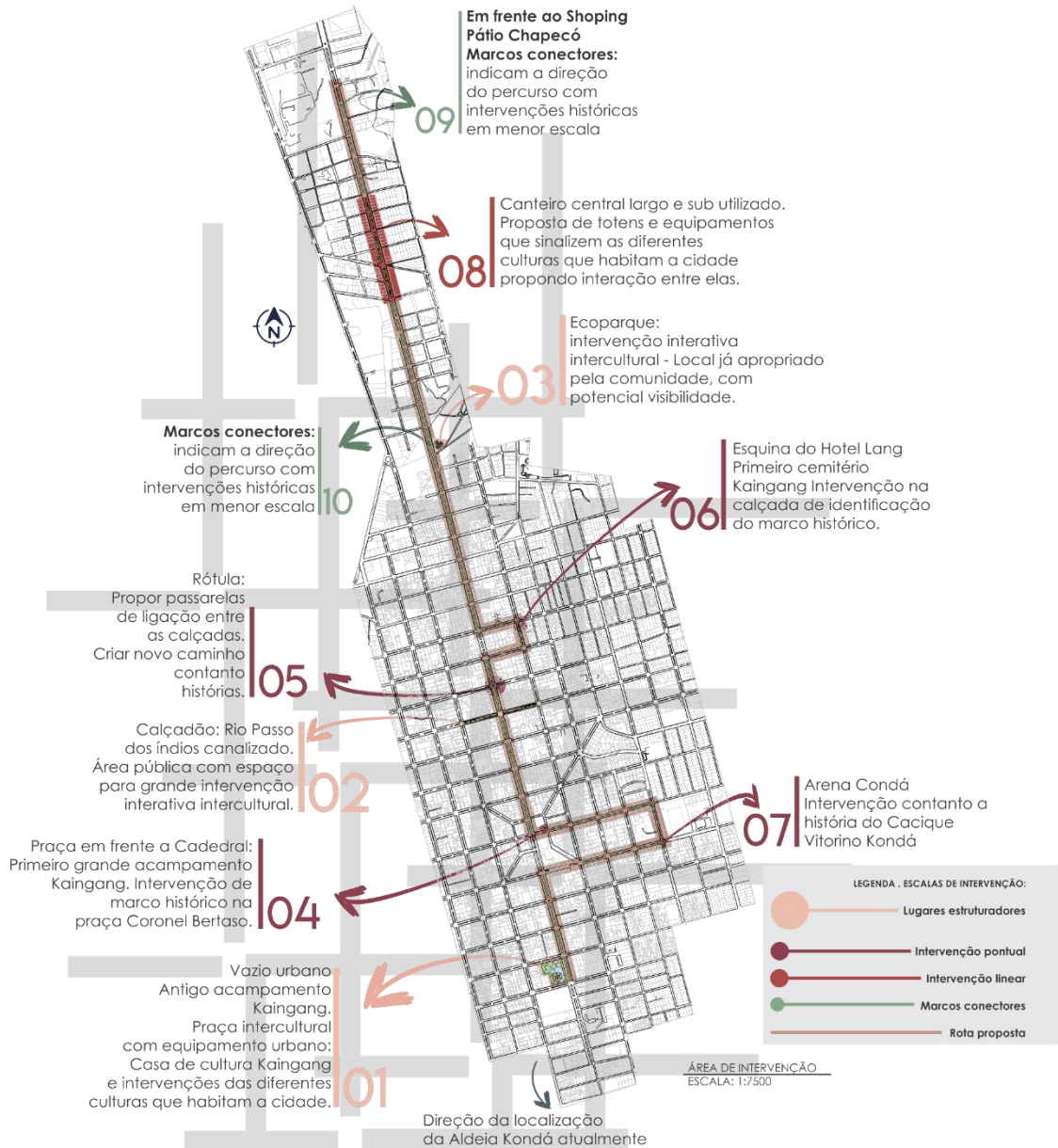


Figura 4: Proposta de intervenção – Sistema de Espaços Livres. Fonte: Elaborada pela autora com base no Mapa fornecido pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de Chapecó.

O percurso/rota tem como base a Avenida Getúlio Vargas e dois desvios, detalhados na sequência. A composição formal de todas as escalas de intervenção tem como base a forma geométrica hexagonal, a escolha dessa figura geométrica deu-se na intenção de equilibrar os traços retos (elementos de identificação da

metade tribal Kamé) e os círculos ou formas fechadas (elementos de identificação da metade tribal Kairú), contemplando a dualidade complementar Kaingang.

Para a demarcação da rota, foi proposta uma pavimentação de sinalização. O desenho do piso foi inspirado nas metades tribais do Povo Kaingang, conforme detalhado na Figura 5.

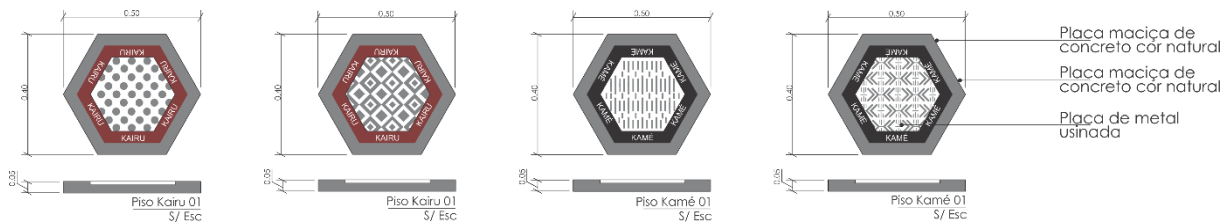


Figura 5: Pisos de demarcação da rota. Fonte: Elaborada pela autora.

Para cada tipo de via foi definida a posição do piso de acordo com a largura da calçada e a disposição definida para o piso tátil no Plano Diretor.

Marcos conectores

Representam a menor escala de intervenção e se caracterizam pela comunicação visual urbana. Têm o papel de orientar sobre as mudanças de direção e as próximas intervenções encontradas no percurso, feitas por dez totens posicionados majoritariamente nas esquinas. Como exemplificação, a Figura 6 ilustra o totem e um dos textos informativos.

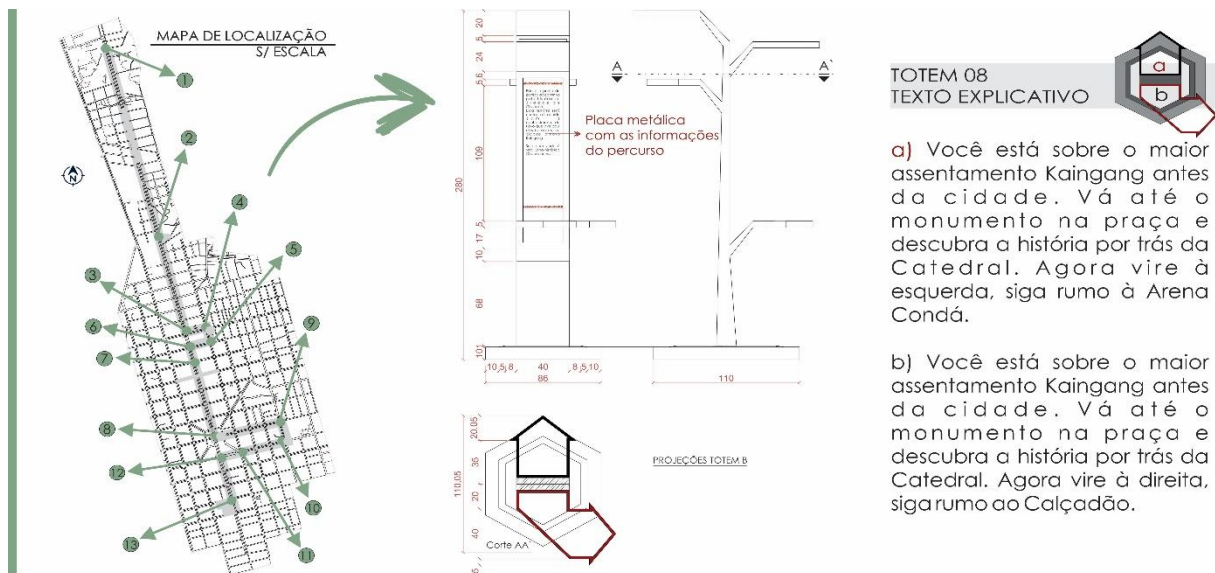


Figura 6: Totens – marcos conectores. Fonte: Elaborada pelas autoras.

As informações comunicam momentos históricos e lugares cujo significado é relevante para a valorização do povo nativo da cidade.

Intervenção pontual

Lugares simbólicos, fundamentais para a compreensão da história da cidade, saem da invisibilidade e ganham o destaque por meio de brinquedos, monumentos e comunicação visual urbana. Um desses lugares é identificado pelo ponto 4 da Figura 4. O lugar onde se encontra a Praça Coronel Bertaso e a Igreja Matriz, constituía o primeiro assentamento Kaingang. Contam os anciãos que "a Igreja foi construída com o ouro que os Jesuítas roubavam das índias". Assim, propõe-se para essa praça, um brinquedo que faz referência à inocência das índias, que confiavam nos padres, trazendo uma menção à infância indígena e às brincadeiras nos galhos das árvores.

No ponto 5, uma das rótulas de maior movimento de veículos da cidade, é proposto um conjunto de passarelas, referenciando as pontes que os indígenas construíam para atravessar rios ou lugares perigosos. O objetivo foi oferecer aos usuários uma nova experiência de travessia, considerando uma parada para contemplação. Os materiais propostos contemplam a matéria-prima natural das antigas construções indígenas, priorizando revestimentos em madeira e a utilização de algumas espécies de cipó.

Por fim, nos pontos 6 e 7 são propostos monumentos. O ponto 6 localiza a Arena Kondá, cujo monumento deve representar as famílias indígenas, que resistem até hoje apesar de terem inclusive membros de seu povo se voltando contra ele em favor de interesses econômicos e políticos. No ponto 7, está enterrado o primeiro Cacique do Povo Kaingang da região. Como a localização indicada é exatamente o local onde hoje é o Hotel Lang Palace, a intervenção proposta é um monumento que faça referência à importância da ancestralidade para o Povo Kaingang, localizado no canteiro central da avenida localizada em frente ao hotel.

Intervenção linear

Propõe-se um parque linear em plena avenida central da cidade (ponto 8), local já consolidado e apropriado pela população que, com a intervenção, amplia a interação social e o conhecimento histórico para os moradores. A qualificação dessa área por meio do paisagismo, do desenho de mobiliário urbano e da comunicação visual transforma a paisagem, ganhando canteiros arborizados, espaços de convivência com bancos e com vegetação que permitem o sombreamento das áreas.

Lugares estruturadores

Essa é a maior escala de intervenção planejada. Ela compreende obras arquitetônicas e, na escala urbana, a criação de espaços livres, mobiliário e comunicação visual. Estão pontuados três lugares estruturadores.

No Eco Parque (ponto 3), sugere-se a construção de um Museu de História Indígena, construído a partir de três estruturas hexagonais em forma de torre. Cada uma das torres é responsável por abrigar um tempo histórico da cidade a partir do olhar do Povo Kaingang. A Torre 1 abriga os artefatos arqueológicos das

populações indígenas da região. A Torre 2 conta a história do processo de urbanização da cidade, no qual os indígenas que ocupavam toda a área urbana central, tiveram seu território devastado e sua área reduzida a menos de um quarteirão da cidade. Por fim, a Torre 3 trata da cultura Kaingang contemporânea e sua relação com a cidade na atualidade. Para tanto, abriga artefatos do artesanato e utensílios utilizados pela comunidade da Aldeia Kondá.

No calçadão da Rua Benjamim Constant (ponto 2), onde fica localizado o Rio "Passo dos Índios", hoje canalizado, tem sua existência referenciada em um espelho d'água que conduz o percurso do calçadão. São criados lugares de interação social, realização de feirinhas ao ar livre e contemplação, trazendo para o centro urbano, um espaço onde as pessoas passam e permanecem em contato com a natureza. Por meio da comunicação visual é possível conhecer um pouco mais da história da cidade.

Finalmente, o vazio urbano (ponto 1) dá lugar a uma praça aberta a toda comunidade que abriga uma casa de passagem e o Centro Cultural Kaingang (Figura 7). A arquitetura de ruptura com o entorno resgata o saber tradicional, utilizando estruturas semissubterrâneas, cobertura com trama de palha trançada e fogo de chão, características da arquitetura Kaingang (DILL, 2019).



Figura 7: Corte esquemático da Casa de Passagem, Centro cultural e Praça. Fonte: Elaborado pelas autoras.

Essa área responde diretamente à demanda da comunidade da Aldeia Kondá e proporciona aos indígenas um ponto de apoio da cidade. Aos visitantes, a oportunidade de conhecer comidas típicas, danças tradicionais, ensinamentos dos índios mais velhos, conhecimento da língua e da cultura Kaingang e, sobretudo, a possibilidade da construção do respeito à diversidade por meio do conhecimento e da educação.

A proposta foi construída em parceria com a comunidade e apresentada para outras lideranças indígenas da região que, por sentirem-se representadas nos espaços criados, abraçaram o projeto e lutam para a viabilização da materialização dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apresentação das principais características desse projeto, o processo colaborativo e o foco na valorização de uma comunidade tradicional, historicamente marginalizada, permitem equilibrar os espaços urbanos, até então marcados apenas por intervenções que simbolizam os colonizadores e as culturas europeias.

Os produtos espaciais concebidos por arquitetos e urbanistas podem e devem valorizar o contexto cultural no qual se inserem e a comunidade que pretendem atender, assumindo sua relevância e responsabilidade social. Encontra-se em processos projetuais colaborativos, que consideram métodos interdisciplinares e horizontais de criação, uma possibilidade de afirmar, a partir dos espaços planejados, a diversidade cultural, sua aderência com um contexto local e o comprometimento com futuros cada vez mais marcados pela pluralidade.

A partir da experiência deste trabalho, percebeu-se que a participação dos usuários no processo de projeto é uma estratégia fundamental, tanto para compreensão do modo de viver do grupo quanto para a proposição de materialidades por meio das quais a comunidade se sinta representada. No entanto, promover interações colaborativas e diálogos com foco em projeto junto a um grupo culturalmente diferenciado mostrou-se tanto fundamental quanto desafiador. Nesse sentido, as demandas das profissionais envolvidas referentes a prazos, lugares para conversar e projetar e mesmo algumas propostas, precisaram ser constantemente revistas durante o processo, possibilitando uma transformação que impactou além do projeto a forma de pensar de quem projetou.

Foi necessário equilibrar o desapego a algumas convicções construídas ao longo da formação de arquitetos e urbanistas, abrir espaços para uma nova forma de pensar, construída a partir de outra lógica cultural, sem abandonar as orientações técnicas fundamentais para garantir a viabilidade do projeto. Entende-se, ainda, que a estratégia adotada se mostrou adequada nesse contexto, na medida em que a comunidade abraçou e aprovou o projeto e se sentiu representada nele. No entanto, cada comunidade, em tempo e contexto específicos, necessita de uma metodologia de concepção própria pois, na medida em que muda o grupo de pessoas, os profissionais precisam flexibilizar o método e contemplar a diversidade de olhares e de formas de pensar. Acredita-se que, se os profissionais que estiverem gerindo o processo estiverem dispostos a ouvir, compreender os anseios do grupo envolvido e priorizar as necessidades dos usuários, em detrimento de suas ideias preconcebidas, os projetos produzidos tendem a caminhar no sentido de soluções mais adequadas, contextualizadas e assertivas. Um bom projeto é aquele que produz espaços responsivos às necessidades de seus usuários.

REFERÊNCIAS

- BORBA, T. **Actualidade indígena**. Curitiba: Typ e Lytoga a Vapor impressora Paranaense, 1908.
- CAMPOS, S. **A voz de Chapecó**: Artigo de Antonio Selistre de Campos - 1939-1952. Centro de Memória do Oeste Catarinense (org.). Chapecó: Argos, 2004
- DILL, F. M. **Linguagem Socioespacial**: A dimensão espacial do modo de viver Kaingang. 2019. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)— Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

- HALL, S. Quem precisa de Identidade? *In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*** (p. 103-133). Petropolis: Vozes, 2005.
- JUNIOR, A. G. **Estudo Etnográfico sobre Alcoolização entre os Índios Kaingang da Terra Indígena Xaçecó: das Dimensões Construtivas à Perturbação**. 2010. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.
- KRESÓ, P. O Kiki permanece. *In: TORAL, A. **EG JAMEN KY MU: textos KAINGÁG***. Brasília: APBKG/MEC/PNUD, 1997, p. 80-87.
- KUPER, A. Cultura, diferença, identidade. *In: A. KUPER. **Cultura: a visão dos antropólogos***. Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru: EDUSC, 2002, p. 287-318.
- LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Tradução Jeferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MAGNOLI, M. Em Busca de "Outros" Espaços Livres de Edificação. **Revista Paisagem Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 21, p. 141-174, 2006.
- MANN, P. H. **Métodos de investigação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.
- MEIHY, J. C. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- NIMUENDAJÚ, C. **Etnografia e indigenismo: Sobre os Kaingang, os Afaié-Xavante e os índios do Perú**. Campinas: Unicamp, 1993.
- PRETO, M. H. de F. **Sistema de Espaços Livres Públicos – uma contribuição ao planejamento local**. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2009.
- PROSHANSKY, H. M. **Place-identity: Physical world socialization of the self**. *Journal of Environmental Psychology*, v. 3, n. 1, p. 57-83, 1983.
- RAPOPORT, A. Hechos y Modelos. *In: G. BROADBENT. **Metodologia del Diseño Arquitectónico***. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1971, p. 297-323.
- RHEINGANTZ, P. A. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para o trabalho de campo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.
- SANOF, H. **School Design**. New York: John Wiley & Sons INC, 1994.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- SCHIMITZ, P. I.; BEBER, M. V. Em busca dos antepassados Kaingang. *In: **Antes do Oeste Catarinense: Arqueologia dos povos indígenas***. Chapecó: Argos.2011.
- SECRETARIA DE PLANEJAMENTO URBANO. **Mapa do perímetro urbano de Chapecó**. Prefeitura Municipal de Chapecó, 2018.

TOMMASINO, K. *et al.* **Relatório I: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá.** Chapecó: Funai, 1998.

TOMMASINO, K. *et al.* **Relatório II: Eleição de área para os Kaingang da Aldeia Kondá.** Chapecó: Funai, 1999.

TOMMASINO, K.; FERNANDES, R. C. **Povos indígenas no Brasil.** São Paulo: Educ, 2001.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo: Difel, 1983.

TYLOR, E. **Primitive Culture.** Londres: John Mursay & Co, 1958.

UNWIN, S. **A análise da arquitetura.** Tradução Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2013.

ZANIN, N. Z.; DILL, F. M. **Educação escolar indígena manifestada em intervenção arquitetônica:** reflexões a partir de uma escola Kaingang. Anais do XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-SC. 2016.